

## **No cinema**

Sentindo a Lisbela fixar olhos no escuro do cinema, sem seu prisioneiro, um mergulho infinito se aproxima. São muitos rolos de filmes que giram na sala. Será que embolorados? Será que ainda permanecem ao olhar?

A sessão começa. São mulheres e mais mulheres iguais, mas vestidas e penteadas e com marcas de diferença. Quem são todas elas? Por que seus rostos se aproximam e recuam na tela? Chupando balas de aniz, o aroma é perfeito. *Splish splash* é o barulho que vem lá de trás. Psiu! Vamos parar de mexer em tantas pipocas, que saco! E esse gluglu de soda descendo gargantas causticantes? Ah, por favor, este é um lugar sagrado. Sagrado? Ouvimos dizer que o cinema era lugar de diversão! Os incomodados que se mudem.

Mulher vem ao cinema para quê? Para rezar? Então, vamos lá, segure a vela aqui... Risos ao fundo. Mais uma vez, psiu! Vai começar. Calados. E aí, mulherada, nada de choro no cinema, hein? Silêncio finalmente. Um branco enorme se vê. Areia e mais areia. Que mulher aquela Fernanda Montenegro. Todo seu DNA transparece na outra mulher, Fernanda Torres.

Aquela saga daquelas mulheres ali abandonadas em meio a tanta areia que avança, avança. O filme é *Casa de Areia* (2005), de Andrucha Waddington. Uma casa que não é definida como na areia, mas de areia. Uma casa que por si desfalece, como desfalecem as três gerações. Mãe, filha e a neta a caminho. Um desfalecimento feminino. Em fortalecimento daquelas atrizes. Que mulheres.

Aquelas mulheres vivenciavam, sem o saber, o mitológico Sandman, de Hoffmann. Um Sandman que constrói sonhos que se autodestroem. Longe do Sandman, homem dos sonhos, aquele queria levar à morte aquelas mulheres. Seria destino delas a morte anunciada pelas areias, um comiseramento que as transformaria em parte da paisagem sem dela se destacar?

Do lado de cá da tela, somos mulheres de areia, desconstruídas pelo olhar de Sandman cinematográfico. Terminada a película, estamos desfeitas do sonho. É a morte do olhar. Arrepios!

A perpetuarmos-nos no sonho sempiterno, voltamos ao cinema como mulheres à busca de atrizes magníficas. Precisamos de uma identificação com nosso olhar feminino mais uma vez.

### **Silêncio!**

De um cenário medieval surge o agreste nordestino em cena. Estamos em Cabaceira, na Paraíba. O sotaque não é ibérico. Deus e o diabo duelam em terras brasileiríssimas. O livro base é Suassuna. A direção é Guel Arraes. Mas o roteiro, ah, o roteiro é feminino das mãos de uma escritora, Adriana Falcão, da série *Mulheres*, de *O dia em que meus pais saíram de férias*. Fantástica.

Das pelejas masculinas dos anti-heróis, nem Deus põe a mão. O Diabo, então, torna-se impotente. A quem pedir? A uma mulher? Sim, não uma só mulher- ah, o que quer uma mulher? - mas a mulher. A Compadecida daqueles homens incautos. E nessa composição de subgênero da literatura, o auto, os pecados e as virtudes são postas em cena. Se Deus e o Diabo, masculinos, não dão conta do recado, há que se apelar àquela honrosa mulher: a santa Compadecida.

De novo, na tela imensa daquele escuro imenso surge aquela mulher desconhecida, já conhecida: a mesma Fernanda. Que atriz essa mulher! Fernanda Montenegro veste-se de santa e com o dedo em riste da Sistina, agora feminino, ela desfaz a farsa e acalma a cena. Salvam-se todos do Inferno prometido. Eis o *Auto da Compadecida* (2000).

De santa à trambiqueira, vimos aparecer no *screen* do cinema a cartomante do mal. A mulher barbada do circo de horrores, a Lilith avessa à Eva bíblica. Que danada essa Fernanda Montenegro! Nada de trégua à pobrezinha da Macabéa, nordestina de 19 anos, órfã de pai e mãe, caída nas lábias de terrível agente do mal, o noivo Olímpico. Criação bizarra e metalinguística de Clarice Lispector para autorizar autor a se explicar como diferença de personagem. Assim fez o eterno Machado em seu Bentinho. Não, não era Machado o Casmurro. Vamos tentar separar as coisas. Não, também não é Lispector a pobre Macabéa, mas será ela igual àquele escritor que decide por fim à criatura criada por ele mesmo? Ah, por que não a deixou a sonhar com um pouco de Coca-Cola, um pouco de papel picado a saciar a fome, a querer automóvel e namorado de luxo? Ah, cartomantezinha barata que a empurra fora de cena e da vida!

Então, a cartomante lhe diz que sua vida vai mudar? Macabéa vira , muda, é notícia de jornal. E quem nada mais, nada menos, aparece com aquela sarcástica cara, senão a própria:

Fernanda Montenegro? Mas que mulher, que atriz! E já aí temos *A hora da estrela* (1985), criação de uma senhora mulher do cinema, Susana Amaral. Esse filme lhe rendeu prêmio. A ela e à atriz, nossa que atriz!, Marcélia Cartaxo, nossa indigente Macabéa destruída pela má sorte. Sorte nossa ver em filme essa grandiosa obra da Clarice. Mulher porreta, essa. Aff! Vontade de matar essa cartomante.

### **Em outras telas, em muitas telas**

Que barulho! Ah, não é no cinema? Está na tela. Estamos na Central do Brasil do Rio de Janeiro entre o Centro e o Gamboa, na Vargas. Ela já foi a Estrada de Ferro Pedro II. É bonita e é feia. A arquitetura se perde ao turbilhão de gente que por lá passa. No burburinho, a câmera se aproxima. Uma senhora está sentada. Escreve cartas. É comovente a cena. Aquelas pessoas querem de volta maridos perdidos, dinheiro sumido, filhos que nunca mais viram. Querem mandar cartas a lugares cujo endereço sem sequer sonham em saber.

Quando aquela mulher ali sentou, as pessoas foram automaticamente pedir-lhe que escrevesse cartas. Risos!!! Não era o filme ainda. Era ensaio. O que a ficção não causa ao real, não? Pois não é que aquela senhora acabada com fundas olheiras não era a Fernanda? A Montenegro? Mas que mulher. De cartomante vem se redimir em escrevente de cartas a desfavorecidos! Quanta prepotência. Quase não a reconhecemos, mas era ela, a mesma mulher, de novo no cinema. Estamos Na Central do Brasil, mas não estamos na Central do Brasil. Essa Central do Brasil é o filme homônimo *Central do Brasil* (1998). História e direção masculinas, Walter Salles. Mas um homem que pensa em uma mulher dessa capacidade de atriz e dessa capacidade humana... é demais de bom.

Fernanda agora é Dora que além das cartas faz-se de mãe de um garoto cuja mãe morre ao sair da estação. Na busca pelo pai do menino, Dora descobrirá as brasileiríssimas mazelas de um Brasil desconhecido dos brasileiros. Dora dá à Fernanda Montenegro o Urso de Prata por sua atuação. Mas que mulher essa Fernanda. Apontada como a melhor atriz do cinema (se a chamam “dama do teatro”, ela fica bravíssima; alguém chamaria um ator assim? Por que com as mulheres?), ela joga o título a outra grande atriz, Bibi Ferreira. Ambas dividem louros com Marília Pêra. Três. Três grandes brasileiras no cinema. Já viram a Bibi cantando Edith Piaf? Uma vontade indescritível de que o mundo pare e o momento ímpar permaneça sereno sempre. *Non...rien de rien...* E Marília Pêra como a Sueli de *Pixote* (1981)? Cena pungente. Ah, essas três brasileiríssimas do cinema brasileiro.

E aí? Quem matou Pixote? Vários loucos entram todos os dias no cinema a fim de matar gente. Não sabem que estar no cinema é sagrado? Cinema é para assistir rezando. Rezando para assistir a *O amor nos tempos do cólera* (2007), de Mike Newell.

Disseram que ela iria voltar americanizada. Qual o quê? Essa mulher é a Fernanda, enchendo a tela com a face dolorosa de uma mulher colombiana a sentir a tristeza do amor perdido de seu querido filho, Florentino. Falando em Língua Inglesa, afinal o filme é norte-americano, mas com a alma colérica de Gabriel Garcia Márquez, ela vive a intensidade do amor de Florentino pela doce Fermina. Que filme. Que obra essa. A luta de Florentino é tamanha que ao enfim ficar com seu nobre amor perde-a para a morte, para o cólera, em uma pungente e linda cena. Como metamorfose kafkiana, como o coelho de Rubião, as transformações sobram ao nada material, mas carregam para dentro da alma aquilo que só o amor pode revelar. Lindo.

Sob influência de Gabriel, um dia certo texto foi assim batizado: *O banquete do amor nos tempos da Aids* (Gimenes, 1994); recentemente um outro livro aí se inspirou: *O amor nos tempos do blog* (2012), de Vinícius Campos.

O amor nos tempos de Fernanda Montenegro, grande atriz do cinema. Brasileiríssima. Essa coisa de ser *mater* dolorosa pega com a Fernanda. Idos tempos, ela já encarnava a pele de uma senhora mãe de família operária na então luta de classes do cinema com cara de teatro de arena Guarnieri. Estamos falando de *Eles não usam black-tie* (1981), de Leon Hirszman. Da entressafra ditadura x democracia, o filme revela uma família cujas lutas contam para a sobrevivência e providência de todos. Fernanda faz par com Guarnieri e o filme mostra a grande atriz Bete Mendes, à época uma menina. Bete, aliás, ingressou por um tempo na política, retornando às telas já como atriz madura.

É memorável a cena em que marido e mulher discutem à mesa os problemas do filho que decide furar a greve com medo de perder o emprego por conta da gravidez da esposa. Mais uma vez, que mulher é essa, Fernanda?

Seguindo a linha política, nossa Montenegro eis que aparece quase com armas em punhos, mas, gente, o que é isso? Isso é *O que é isso, companheiro* (1997), de Bruno Barreto. Irreverente como irreverente é o, agora, político Gabeira em suas havaianas velosianas e saias esvoaçantes tropicalistas. O que é isso, Gabeira? Nesse filme, na tela a Fernanda leva seu DNA mais uma vez a seu lado. Torres, a outra Fernanda, também está no filme. Aqui a Montenegro está contida, mas a filha sai a rebelde. MR-8, Ação Libertadora. Tempos difíceis. Os do livro. Do filme? Nem tanto. O povo na sala de cinema estressou com a barulheira. Teve gente dizendo

poucas e boas. Que guerrilheiro se manda pro inferno. Que isso aqui não é bagunça. Onde eles pensam que estão? No Chile de Pinochet? Façam o favor, que tal voltar a um filminho mais *love* mocinha e mocinho, beijos e tal e tudo acaba bem? O filme concorreu ao Oscar de filme estrangeiro, mas o pessoal não deve ter gostado nada de ver o ator norte-americano fazendo o papel do embaixador sequestrado. Oscar tem outra parada. Essa coisa de favelar o Brasil, oh mania de pobreza.

Deviam ter deixado apenas o filme *Copacabana* (2001), da Carla Camurati. Lindas paisagens dessa cineasta brasileiríssima de primeira. Que linda a história de viver o prazer de estar no Rio de Janeiro que continua lindo. E, em *Carlota Joaquina* (1995), a infanta espanhola Marieta Severo dá um show e deixa à mostra todo o talento da Carla. Que dupla essa da Camurati e da Severo, ex Chico. Ah, e que linda a participação da Cleo Pires como a Ariela no filme homônimo do Buarque, *Benjamin* (2004), dirigido por outra grande mulher, a Mônica Gardenberg. Que mulheres. Só o Chico para cantar todas elas. Ups. Cantá-las em verso, claro.

Já estão todos no tapete aveludado. Ainda existem tapetes aveludados nos cinemas? Está tudo clean cinza de salas *vips*, basta levantar o braço e já vem alguém com refri, pipocas e crac crac crac...barulho de cantina italiana, com todo o respeito, mas cinema não é lugar pra bater panelas tarantellas. Não, também não tem Itubaína, nem mandiopã que a Judensnaider adora. Ela faz cinema? Escritora brasileiríssima, quem sabe um dia desses a obra dela não vai parar na filmografia nacional e *Débora fala reservadamente com todos* (2004) mostrará sua cara. Ou *Débora fala reservadamente com ninguém* (Gimenes, 2008). E também mostrará a sua cara.

### **Tudo bem?**

*Tudo bem* (1978), do Arnaldo Jabor. Tudo bem mesmo porque a Fernanda, que mulher, lá está fazendo casal com o Paulo Gracindo. Um filme tributário do Cinema Novo.

Olha que legal, o filme é um quase político e a história se passa em Copacabana, paisagem pra ninguém botar defeito, não é mesmo? Em *Tudo bem* também tem americano, só que vivido pelo Pereio. Regina Casé e Zezé Motta também estão por lá. Grandes mulheres. Grandes atrizes. Discussão de classe social em tom de comédia.

Bom, mas Fernanda Montenegro não mandou DNA cinematográfico só para a Fernanda Torres, não. Não é que o filho, o Cláudio Torres é cineasta e fez o lindo e um tanto bizarro, vai lá, *Redentor* (2004). A família toda foi a esse filme. A Montenegro mãe, a Fernandinha. O pai, o Fernando Torres. Tem até o Domingos de Oliveira por lá. A Fernanda, que mulher, faz mais

uma vez. O DNA da Fernandinha nesse filme vale por dois porque ela também trabalhou no roteiro do filme. Grande mulher da grande mãe, essa Fernandinha. A Guta Stresser, a eterna Bebel, também está no filme. Ela é muito atriz. Muito mesmo.

Está todo mundo cansado no cinema. Querem ver um pouco de sangue escorrendo pelas telas. Sangue? Só se for de *O Iluminado* (1980), do Kubrick. Pode ser de *Cidade de Deus* (2002), do Fernando Meireles. Esse filme mostra o talento da Alice Braga que provou que a atriz do cinema brasileiro vai a campo minado e volta além do Brasil. Falando em Braga, já falamos da Sonia Braga? Não? Imperdoável. Vamos falar da Sonia. Brasileiríssima *Gabriela* (1983), de Bruno Barreto, de primeira. Sabe o que é atuar ao lado do bello Mastroianni? Mama mia, é para poucos. Ah, o Nacib mais italianíssimo impossível. Concessões da arte. E a sensualidade da aranha Sonia Braga em *O beijo da mulher aranha* (1985), do Babenco. Palmas para La Braga. Alice segue os passos.

E voltando a falar de Fernanda, já que não há como deixar Fernanda Montenegro de lado, nem quando falamos da internacionalização de atrizes brasileiríssimas como as Braga. Em entrevista à Folha de São Paulo, em 2009, Fernanda comentou, pensando inclusive na atriz Alice Braga:

*“Somos sul-americanos contaminados pela visão mexicana que o americano tem de toda a América Latina. Lá fora, não saímos disso. É importante ter essa consciência. Inventaram a raça latina: agora tem branco, amarelo, negro e latino. É isso que nos cabe ali. O que puderem aproveitar desse espaço, ótimo. São jovens talentosos já com excelentes resultados em seus papéis, maiores ou menores. Mas há um destino cravado, que é a latinidade. Não adianta se iludir.”*

Questionada se o cinema americano ainda lhe fazia convites, mais uma vez a atriz foi taxativa:

*“Sim. Salvadorenhas, chilenas, madrilenas, até uma iraniana. Onde é que isso vai me levar? Não tenho mais 20 anos para ter ilusão hollywoodiana. E Hollywood já não é o espaço mítico que foi nos anos 30 e 40.”*

Sábida Fernanda Montenegro. Há quanto tempo já estamos no cinema? É que há tanto a assistir. Que tal *Outro lado da rua* (2004), do Marcos Bernstein? Do teatro ao cinema, o encontro dele com Fernanda Montenegro nesse filme que retrata Regina, mulher de fina

ironia, uma Fernanda madura nos 65 anos da personagem. Em uma espécie de Janela Indiscreta Hitch (todo mundo que vê o filme percebe isso de cara, sem novidade), Regina vê um assassinato do outro lado da rua em Copacabana, olha ela aí de novo. Desacreditada, a moradora resolve provar que viu o que viu.

Esse outro lado, a conspiração, a janela indiscreta, faz pensar na cineasta Tata Amaral. Que mulher. *Um céu de estrelas* (1996) revela a atriz Leona Cavalli. Por que conspiração? Você mora na Mooca em São Paulo, ganha uma passagem para Miami, o que você faz? Dá um jeito de se livrar do marido opressor. Eis a conspiração. O céu é a viagem pra fora desse mundo pequeno. Assim como a Regina de *do Outro lado da rua* vê de seu binóculo uma vida além das limitadas paredes de sua aposentadoria, Dalva vai escapar do real por meio dessa viagem. O conflito está instalado. A janela, se se abre, sempre será uma indiscrição.

E já que o céu não é o limite, a cineasta Karin Aïnouz abre um mundo com seu *O céu de Suely* (2006). Para tentar sair do lugar inóspito em que está, Hermila (Hermila Guedes) vai rifar o próprio corpo. Achou demais? Demais é ficar parada na mesma estação. Olha para o alto, não vê o céu? Imagina que está no planetário e que há um longo passeio além de você. Ao menos, há um planetário. Não estamos no planetário. Isso aqui é um cinema. Há que seguir adiante. Seguir com filmes que, aliás, é uma boa maneira de escapar a qualquer coisa opressora.

Escapar até daquela irmã gêmea que te persegue desde o ventre da mãe. Gêmea? *Gêmeas* (1999) traz mais uma vez as duas Fernandas, mãe e filha, com a direção de Andrucha Waddington. Marilena e Lara são as gêmeas Fernanda Torres, filhas da Fernanda mãe. Em uma visão de o médico e o monstro, as duas fundirão a boa e a má fé que desune os irmãos Caim e Abel desde sempre. Tudo em nome de um grande amor. Um grande amor de um homem. E, no mundo de brasileiríssimas do cinema, o que pensam as atrizes sobre o amor? Continuamos com Fernanda Montenegro na entrevista já citada. A atriz é questionada a respeito do amor romântico como rótulo para extirpar ideais de qualquer natureza. O tema se volta à Simone de Beauvoir: *"Nossa vida não tinha sentido para além do nosso amor"*.

A atriz responde que:

*"...o amor estava acima das vidas, e nada modificaria isso, nem uma possível separação, nem futuras paixões, nem a guerra. Portanto, não acho que seja uma visão romântica. A não ser que, toda vez que se fale de amor, a gente vá lá e o derrube com esse rótulo. Ela estava falando de um amor acima de futura separação, de futuras paixões e*

*mesmo de uma guerra. E isso eles cumpriram, mesmo sem mais nenhum interesse sexual. Acima da relação sexual. Só se for uma visão romântica à la Schiller, Goethe, lá nos primórdios da conceituação do romantismo.”*

Sobretudo, Fernanda Montenegro, eleita como uma entre as mulheres que estão no cinema, representa, com seus variados papéis, mulheres com a cara da brasileira, da família brasileira, mas também com a natureza da brasileira. São mulheres mães, mulheres sentadas às mesas com seus maridos a escolher o feijão da refeição diária, mulheres às angústias de serem engolidas pela areia do sonho e da morte. Mulheres com a cara das brasileiras. A cara das brasileiras com seu trabalho de atriz em meio a mais de 60 anos dedicados à representação artística, tendo criado a sua volta uma estirpe de atores e diretores com o compasso de seu ser cultural. Ela vê esse ser feminino assim:

*“É um sentimento. Tem algo na mulher que é o seu olhar para as estranhas. O homem é um pau levantado para o horizonte. A mulher, não. Ela é incubada, obrigada a entrar em contato com o interior do seu sexo todo mês, tem esse ventre. Isso não quer dizer que vá ser mole, que a delicadeza não possa ser absolutamente poderosa.”*

### **Uma mulher**

Lá na frente, agora, há um escuro. As luzes cá de fora se acenderam. As pessoas vão lentamente saindo do cinema. Queixosas de que o filme acabou. Queriam mais. Pelo chão, esbarram em restos de tudo: lá estão as pipocas, os copos de refrigerantes. Chicletes amassados. Nada disso sairá com eles. Outra turma está entrando. São também mulheres do cinema. Algumas se perguntam: sabem com quais atrizes esses filmes trabalharam? Ah, eram muitas. De uma, não esqueceremos. Era uma brasileiríssima: Fernanda Montenegro.

Já a Fernanda dos filmes está no descanso de seus inúmeros papéis femininos de eternas mulheres. Tirou a máscara. Voltou a se chamar apenas a outra mulher que carrega desde bebê com os traços dados pela família: ela é Arlette Pinheiro Esteves Torres. Uma mulher.

Fernanda Montenegro é sua invenção: é a mulher no cinema. Ou como ela mesma diz sobre seu papel: *“ O ator é o demônio que dá passagem a outra entidade esquizofrênica dentro dele.”*